

TRADUÇÃO CULTURAL: AJUSTES IDEOLÓGICOS E DE MODELO NA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL

CULTURAL TRANSLATION: IDEOLOGICAL AND MODEL ADJUSTMENTS IN TRANSLATION OF CHILDREN'S LITERATURE¹



Zohar SHAVIT²
Professora titular
Universidade de Tel Aviv
Tel Aviv, Israel
zshavit@tauex.tau.ac.il

Traduzido por
Lia Araujo Miranda de LIMA³
Doutoranda em Literatura (Bolsista CAPES-DS)
Brasília, Distrito Federal, Brasil
liaamiranda@gmail.com

119

Resumo: A presente tradução apresenta ao leitor brasileiro o mais recente dos trabalhos publicados em inglês da professora da Universidade de Tel-Aviv Zohar Shavit. Trata-se de pesquisa no campo da tradução cultural, com foco nas restrições sistêmicas que atuam sobre as normas e os processos tradutórios no sistema literário infantil. Shavit apresenta estudos de caso a partir de traduções, para o hebraico, de obras do alemão Joachim Heinrich Campe e da francesa Madame de Genlis durante o iluminismo judaico (Haskalá) e de *Gulliver's Travels* durante o século XX, identificando nas traduções ajustes ideológicos e de modelo para adequação às restrições sistêmicas do sistema alvo.

Palavras-chave: Tradução cultural. Literatura infantil.

A professora da Escola de Estudos Culturais da Universidade de Tel-Aviv Zohar Shavit é um nome cada vez mais citado nas pesquisas acadêmicas no Brasil nos campos da literatura infantil e da tradução. Discípula de Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, Shavit publicou em 1986 a obra *Poetics of children's literature*⁴ (Poética da literatura infantil), na qual examina o desenvolvimento da literatura infantil no ocidente sob a perspectiva da teoria dos polissistemas. Zohar Shavit é autora de trabalhos pioneiros sobre a fundação de instituições culturais hebraicas em Eretz-Israel (Terra de Israel) em sua relação com culturas europeias, em especial a francesa e a alemã. A autora conduz ainda pesquisas em semiótica e coordena o Programa de Pesquisa em Cultura da Infância e da Juventude na universidade onde leciona. A tradução que se segue pretende contribuir para a divulgação das reflexões teóricas apresentadas por Zohar Shavit, que iluminam os estudos sobre a tradução de literatura infantil também no Brasil.

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil*. *Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

TRADUÇÃO CULTURAL: AJUSTES IDEOLÓGICOS E DE MODELO NA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL



Uma das questões mais intrigantes no estudo da cultura em geral e no estudo da cultura da infância e da juventude em particular diz respeito a relações culturais: como as culturas relacionam-se umas às outras, referem-se umas às outras, aprendem umas com as outras ou rejeitam umas às outras. A maior parte do diálogo no interior das culturas e entre elas ocorre por meio da tradução cultural, no sentido mais amplo do termo.

Desde o fim dos anos 1980, Hans-Heino Ewers e eu trabalhamos em vários projetos de pesquisa conjuntos – todos eles lidando de uma maneira ou de outra com a tradução cultural. Estávamos interessados principalmente nas restrições sistêmicas que determinam em grande escala os processos tradutórios e as normas predominantes no campo da literatura infantil, bem como nas necessidades sistêmicas às quais eles respondem. Hans-Heino Ewers sempre esteve interessado em outras culturas e outras mídias e jamais se limitou unicamente ao estudo de sua própria cultura. Um mestre de primeira categoria no iluminismo e no romantismo alemães, ele buscou continuamente desafiar as fronteiras comuns que caracterizam o estudo da literatura e da cultura infantis. Desde o princípio, ele se esforçou por alargar as fronteiras do campo, tanto em direção a outras mídias como a todo o cenário cultural, incluindo suas relações com outras culturas. Uma vez que as culturas judaica e hebraico-judaica se desenvolveram nos tempos modernos a partir de estreitos laços com a alemã, ele se tornou um parceiro maravilhoso em diversos projetos de pesquisa, nos quais batalhou para descobrir novos territórios e fez parte de viagens imaginárias.

O ponto de partida de nossos projetos de pesquisa conjuntos foi a compreensão do termo tradução como tradução cultural, isto é, um sentido muito mais amplo que o simples ato de transmitir um texto escrito em uma língua para outra. Elaborando as noções teóricas desenvolvidas por Even-Zohar (1981; 1997; 2003) e Toury (1984; 1998), entendemos a tradução cultural como um conceito semiótico, como parte de um processo por meio do qual modelos textuais e culturais, não apenas textos, do sistema fonte, são transferidos para o sistema alvo. Esse processo sempre envolve certo grau de adaptação e ajuste dos textos e modelos do sistema fonte às necessidades e requisitos do sistema alvo, bem como às suas

restrições sistêmicas. O produto final de um ato de tradução cultural é o resultado da relação entre um sistema fonte e um sistema alvo, que é em si mesmo determinado por certa hierarquia de restrições semióticas.

Neste artigo, escrito para honrar meu amigo e colega Hans-Heino Ewers, me concentrarei em dois estudos de caso históricos e em um moderno. Todos eles testemunham acerca dos laços entre as normas de tradução de livros infantis e as restrições sistêmicas que as governam, trate-se de traduções de uma literatura infantil para outra ou da literatura infantil para a adulta. Todas elas são determinadas pela posição da literatura infantil no interior de todo o sistema cultural, e mais especificamente, por sua posição subordinada e periférica dentro dele.

Estudos de caso

Minha análise diz respeito a textos que reivindicam alguma espécie de relação com o texto fonte, incluindo o que é muitas vezes descrito como adaptação e condensação. Ela é baseada essencialmente na pesquisa com traduções de livros infantis para o hebraico, embora os padrões descritos sejam típicos não apenas da literatura hebraica, mas de outros casos de literaturas infantis, em especial de literaturas nacionais pequenas e dependentes que tendem a traduzir muito mais que as maiores e independentes (EVEN-ZOHAR, 1978a).

Escolhi trabalhar com três casos que eram marcados pela necessidade de ajustar a tradução a certos modelos do sistema alvo, bem como a certos requisitos ideológicos. A análise dos dois primeiros casos – traduções para o hebraico de Joachim Heinrich Campe (1746-1818) e Madame de Genlis (1746-1860) – concentra-se no papel desempenhado pela ideologia ao determinar a natureza das traduções de livros para crianças durante o século XIX. O terceiro estudo de caso, traduções de *Gulliver's Travels* no século XX, lida com a transmissão de textos da literatura adulta para a infantil, envolvendo a necessidade de ajustar a tradução aos modelos do sistema alvo.

Restrições sistêmicas: ajustes ideológicos

A necessidade de ajustar os textos traduzidos para se conformarem a considerações ideológicas dominou a tradução de livros infantis para o hebraico por todo o século XIX.

Como parte do projeto educacional do movimento Haskalá (iluminismo judaico), dezenas de livros para crianças judias foram escritos e publicados nos países germanófonos, a maior parte deles traduções do alemão ou via alemão. O movimento iluminista alemão

(*Aufklärung*) e seus livros para crianças quase sempre serviam como sistema fonte, pois aquele era visto pelo Haskalá como modelo de imitação mais desejável, virtualmente ideal. A maioria dos membros do movimento Haskalá estavam envolvidos com atividades tradutórias e escolhiam traduzir textos reconhecidamente maskílicos (esclarecidos) do ponto de vista ideológico, ainda que tivessem de ser ajustados aos modelos existentes do Haskalá. Como resultado, os textos fontes eram com frequência modificados e transformados para se encaixar em modelos já estabelecidos. Dois critérios adicionais tiveram um papel na seleção dos textos para tradução: tema e autor. Livros de autores reconhecidos como "escritores do iluminismo" eram candidatos potenciais para integrar o clube bastante exclusivo de livros eleitos para tradução ao hebraico por membros do movimento Haskalá. "Temas judaicos", como contos bíblicos, também eram favorecidos.

O escritor mais traduzido nas primeiras décadas do século XIX foi Joachim Heinrich Campe, considerado pelos escritores judeus o escritor para crianças mais importante do iluminismo alemão.

122

Estudo de caso 1: Joachim Heinrich Campe

Como é bem sabido, Joachim Heinrich Campe foi um dos escritores mais influentes do iluminismo alemão, especialmente nos campos da educação e da pedagogia. Ele experimentou sucesso sem precedentes em várias literaturas europeias e seus escritos literários e educacionais foram traduzidos para várias línguas europeias (ULLRICH, 1898). Seu livro *Robinson der Jüngere* (1779-1780) foi publicado em francês em Hamburgo no mesmo ano em que foi publicado em alemão. A tradução era assinada por Campe: "*traduit de l'allemand de Mr. Campe*" (STAMBUR, 1990, p. 22-23), embora não seja certo se foi o próprio Campe que traduziu seu livro para o francês (MANN, 1916, p. 186). Publicando uma tradução francesa, Campe tentava assegurar o estatuto de seu livro, já que o francês era considerado à época a língua da alta cultura e desfrutava do mais elevado estatuto entre as culturas europeias. Essa tradução foi seguida em 1784 por outra, também publicada em Hamburgo. A primeira edição em francês na França apareceu em 1787 e foi seguida por outra tradução, que incluía nada menos que 30 xilogravuras (STAMBUR, 1990, p. 22-23) – indicação adicional de sua significância. *Robinson der Jüngere* foi em seguida traduzido em inglês, italiano, latim, espanhol, neerlandês, dinamarquês, sueco, polonês e lituano (KRENICKY, 2002).

A aclamada amizade de Campe com Moses Mendelssohn ajudou a conferir-lhe estatuto especial na cultura judaica. Campe fez uma ou duas visitas à casa de Mendelssohn em Berlim;

Mendelssohn se dirigia a Campe como "*Mein wertester Freund*" (meu amigo mais valioso; citado por BADT-STRAUSS, 1929, p. 199-201). Sua amizade encontrou expressão em sua correspondência, especialmente na muitas vezes citada carta de 1777 de Mendelssohn a Campe, analisando as condições de vida dos judeus na Alemanha (ALTMAN, 1973, p. 265; BADT-STRAUSS, 1929, p. 199-201).

O sucesso de Campe na Europa em geral e nos países germanófonos em particular também contribuiu para o status do qual desfrutou no sistema judaico-hebraico emergente, e vários de seus livros foram traduzidos para o hebraico (ver bibliografia).

O que é talvez ainda mais interessante do ponto de vista da cultura judaica é que Campe foi traduzido para o ídiche, e mais de uma vez, como parte de um esforço para construir uma literatura ídiche moderna. O primeiro dos livros de Campe a ser vertido para o ídiche foi *Die Entdeckung von Amerika*⁵, traduzido por Haikel Hurwitz em 1817 sob o título *Zafnat paaneax* (BERDICHEV, 1817), e foi seguido sete anos depois por uma segunda tradução – *Di Entdeckung fun Amerika* (VILNA, 1823-4). A primeira tradução teve sucesso espantoso, especialmente entre leitoras mulheres. De acordo com Zinberg, que cita A.B. Gottlober, esse livro acabou por substituir os volumes de ensino religioso (*Erbauungsliteratur*), tais como *Tsene-rene* e *Bove mayse* (ZINBERG, 1976, p. 225-226). Zinberg também afirmava que a mais recentemente conhecida tradução hebraica publicada, de Mordecai Aaron Günzburg, um maskil judeu da Rússia, era baseada na tradução de Hurwitz. Além disso, Günzburg produziu, ele mesmo, sua própria tradução para o ídiche a fim de compensar a perda financeira sofrida por sua tradução do livro para o hebraico (sobre a tradução de Günzburg, ver BARTAL, 1990, p. 137; MEISEL, 1919, p. 187). Os livros de Campe continuaram a ser traduzidos para o ídiche mesmo no início do século XX, e *Robinson der Jüngere* foi traduzido para o ídiche ainda mais uma vez em 1910 (RAYZN, 1993, p. 5; 30-40).

A primeira das obras de Campe a ser traduzida para o hebraico foi *Die Entdeckung von Amerika*. A tradução apareceu em 1807, vinte e seis anos depois da primeira publicação do livro na Alemanha (1781-82). Na sua introdução, o tradutor Moshe Mendelssohn-Frankfurt (1782-1861) fala de sua correspondência com Campe e se refere à alegre reação deste último ao inteirar-se da futura tradução de seu livro para o hebraico:

Herr Campe também me trouxe alegria por suas cartas e instou-me a publicar seu livro. Aqui está um resumo do que ele me escreveu em retorno: Como suas palavras me fizeram feliz, sir! E como meu coração ficou alegre ao ouvir essas boas notícias, que uma pessoa dos filhos de Israel tomará para si a tarefa de aperfeiçoar seus irmãos e difundir entre eles um pouco do que escrevi. (Relato do tradutor sobre sua

correspondência com Campe, descrevendo a tradução hebraica de *Die Entdeckung von Amerika*, 8-9 da introdução (minha paginação, minha tradução, Z.S.)⁶.

Curiosamente, Mendelssohn-Frankfurt citava Campe em relação ao projeto educacional do movimento Haskalá: "aperfeiçoar seus irmãos", apontando assim para os principais objetivos de tais projetos tradutórios. Contudo, apesar do elevado estatuto de Campe e do respeito e da adoração a ele concedidos, esse tradutor, bem como outros, subordinou seu trabalho às normas tradutórias dominantes do período e ajustou o texto traduzido a seus próprios objetivos, como fica evidente a partir da descrição do próprio Moshe Mendelssohn-Frankfurt:

Não reproduzi o livro palavra por palavra, porque isso não é útil; em vez disso, é longo demais. E tampouco mantive as palavras [originais], mas em vez disso o tema e as próprias ações. Aqui eu as tornei mais curtas, ali mais longas, e para tudo o que não pudesse ser feito na língua hebraica propus uma reprodução adequada, adaptada para nossa língua e suas próprias figuras de fala. Tornei mais longos vários pequenos assuntos, e o leitor não deverá me culpar por isso, pois já vi que de uma pequena questão emerge uma mais ampla, e é assim que o mundo é feito. (Moshe Mendelssohn-Frankfurt, introdução à tradução de *Die Entdeckung von Amerika*, de Campe (1807), p. 4 da introdução (minha paginação, minha tradução, Z.S.))⁷.

124

O que Moshe Mendelssohn-Frankfurt quis dizer ao afirmar que ele "não reproduziu o livro palavra por palavra"?

Uma comparação entre o texto original e a tradução para o hebraico revela que o tradutor de fato conservou apenas o que considerava como "o tema e as (...) ações", apagou muito do texto original e modificou drasticamente sua estrutura. O texto fonte de Campe tinha uma narrativa encaixante que consistia num diálogo. Essa técnica narrativa era favorecida pela Philanthropin⁸ e vista como a mais adequada para instruir porque apontava para uma parceria entre adultos e crianças. A tradução dispensou o diálogo e o substituiu por uma narrativa histórica direta, transformando a obra em um livro texto de história e geografia, sem empregar nenhum recurso pedagógico.

Na narrativa encaixante do texto fonte, o pai promete a seus filhos contar-lhes um conto fascinante durante a semana seguinte; subsequentemente, o texto fonte é repartido entre os dias da semana. Desta maneira, o diálogo com as crianças desempenha um papel importante ao estruturar a sequência narrativa do texto. O recurso ao diálogo permite ao narrador manter o foco nas crianças, fazendo delas os personagens centrais, em vez de Colombo. Centrar nas crianças e apresentar uma série de perguntas e respostas também permite ao narrador transmitir às crianças conhecimento sobre o mundo, tornando-as parceiras em um diálogo

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil. Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

educacional. Esse diálogo incorporava a noção philanthropiana de parceria. Ele foi entretanto substituído por uma narrativa típica dos relatos de geografia e história que já existiam na literatura Haskalá. Isso também pode ter partido do receio do tradutor de que um diálogo educacional pudesse fazer a obra parecer um texto tradicional de ensino religioso. Em todo caso, o texto traduzido ficou conseqüentemente muito afastado do original, não apenas em relação a seu propósito, mas, mais importante, à sua mensagem educacional e ideológica.

A necessidade dessa mudança radical esteve enraizada nas tentativas dos escritores do recém-surgido sistema de livros infantis de ajustar o texto ao repertório existente do sistema hebraico-judaico. Esse sistema, tanto para crianças como para adultos da época, não endossava narrativas ficcionais para crianças e era relutante em admitir novos modelos. Mesmo um escritor da posição de Campe não estava isento. De fato, embora o estatuto de Campe na literatura alemã como um representante inquestionável da ideologia do iluminismo tenha tornado possível a introdução de seus textos na literatura infantil hebraica sem oposição, mudanças significativas foram imperativas para que seus livros pudessem ser incluídos no sistema hebraico-judaico emergente. Os textos de Campe poderiam ser incorporados à literatura hebraico-judaica somente com base em seu ajuste a modelos existentes e muito provavelmente teriam sido rejeitados se mantivessem o modelo original que ainda não havia sido endossado pela literatura Haskalá.

Foi então a ideologia do movimento Haskalá que tornou possível o empréstimo de textos (mas não necessariamente de modelos) do sistema alemão, estimado pelo movimento Haskalá como um ideal de imitação. Tal tradução ideológica, que envolvia mudanças drásticas no texto original, caracterizou grande parte das iniciativas tradutórias do Haskalá. Entretanto, ela foi parte de um esforço de lançar os alicerces para a introdução da visão de mundo iluminista na sociedade judaica.

Estudo de caso 2: Madame de Genlis

Conforme mencionado, a maioria dos livros publicados para crianças judaicas pelos escritores do movimento Haskalá eram baseados em textos originais alemães. Algumas vezes, contudo, os escritores judeus usavam uma tradução indireta, isto é, uma tradução do texto fonte para o alemão. Foi o caso com a tradução de *Les bergères de Madian; ou, La jeunesse de Moïse, poème en prose en six chants*⁹, de Madame de Genlis. Este texto foi traduzido para o hebraico por David Samostz (1789-1864), um escritor que pertencia aos círculos Haskalá em Breslau, cidade provinciana na Prússia (hoje Wrocław, na Polônia). A tradução de Samostz

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil. Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

para o hebraico foi publicada em Breslau em 1843, como *Ro'ot* [pastoras] *Midian o jaldut Moshe*, acompanhada por um título alemão: *Die Hirtinnen von Midjan oder Moses Jugend*. A página de rosto mencionava "Frau von Genlis" como autora do texto, provavelmente indicando que o tradutor leu o livro em alemão e talvez nem soubesse que ele havia sido originalmente escrito em francês. O livro de Madame de Genlis havia sido publicado em Paris em 1812 e foi traduzido para o alemão dois anos depois, em 1814.

Por que um judeu esclarecido de Breslau escolheu contar às crianças judias ("crianças hebreias", como as chamava) uma história baseada em adaptações e interpretações francesas, e em seguida alemãs, da vida de Moisés? Por que ele não quis contar a história de Moisés de acordo com a literatura judaica midráshica? E por que, de todas as obras de Genlis, ele escolheu traduzir esta obra marginal, quase esquecida, que mal despertava qualquer interesse na Alemanha, em vez de um de seus *best-sellers*?

Para começar, David Samostz provavelmente escolheu *Les bergères de Madian* devido a seu tema – a vida de Moisés. Sua decisão também foi motivada pelo estatuto favorável de Madame de Genlis no iluminismo alemão. Ela desfrutava de uma posição elevada, especialmente entre figuras proeminentes do iluminismo alemão no campo da educação, com quem vários dos maskilim tinham relações. No início do século XIX, Madame de Genlis elevou-se a uma posição de destaque como escritora na França, em parte devido a sua associação com os líderes do movimento iluminista francês, em especial Rousseau e Diderot, e em parte devido a seu sucesso como uma escritora que se tornou popular não apenas na França, mas também na Alemanha e na Inglaterra.

Um indício da apreciação concedida a Madame de Genlis dentro dos círculos literários na Alemanha pode ser encontrada em uma das conversas de Goethe com Eckermann, na qual o primeiro contrastava as *Frechheiten* de Voltaire com a moral construtiva de Genlis:

Die Frau von Genlis hat daher vollkommen Recht, wenn sie sich gegen die Freyheiten und Frechheiten von Voltaire auflegte. Denn im Grunde, so geistreich alles seyn mag, ist der Welt doch nichts damit gedient; es läßt sich nichts darauf gründen. Ja es kann sogar von der größten Schädlichkeit seyn, indem es die Menschen verwirrt und ihnen den nöthigen Halt nimmt (Eckermann 1913 [1836-1848], 146).¹⁰

Várias das obras de Genlis foram traduzidas para o alemão logo após sua publicação em francês e desfrutaram de muito sucesso. Seu livro *Théâtre à l'usage des jeunes personnes*, publicado na França em 1799, apareceu em Alemão um ano depois (1780-1782) sob o título

Erziehungstheater für junge Frauenzimmer (sobre o livro, ver Plagnol-Dieval, 1997). Seu tradutor foi o destacado autor e pedagogo do iluminismo alemão Christian Felix Weiße (1726-1804), que, como se sabe, criou um dos mais importantes periódicos para crianças – *Der Kinderfreund*. Uma anedota sobre sua vida envolve J. J. Rousseau e Moses Mendelssohn. A história conta que em 1760, quando Weiße visitou Rousseau – que naquela época vivia em Montmorency –, lhe trouxe duas das obras de Mendelssohn: *Phaedon* e a tradução de Mendelssohn para o alemão de *Abhandlung über den Ursprung der Ungleichheit unter den Menschen*. Rousseau mostrou algum interesse pelos dois volumes porque, diz a história, seu escritor era judeu (Waterstone, 1922, 114-155).

Um ano depois, Joachim Heinrich Campe escreveu o prefácio e as notas para *Adelheid und Theodor; oder, Briefe über die Erziehung* (1783-1784), tradução de *Adèle et Théodore; ou Lettres sur l'éducation*, de Madame de Genlis, que foi publicado na Alemanha apenas um ano depois de aparecer na França, em 1782.

A partir de uma comparação dos três textos – *Les bergères de Madian*, *Die Hirtinnen von Midian oder Moseh's Jugend* e *Ro'ot [pastoras] Midian o jaldut Moshe*, pode-se concluir que o alemão serviu como sistema mediador, porque a maior parte das mudanças no texto hebraico já apareciam no alemão. Na tradução alemã, muitas passagens do original francês foram omitidas, incluindo os capítulos de abertura do texto fonte, que eram típicos do romance pastoral francês. Além disso, nomes de pessoas e lugares foram modificados e vários conceitos arraigados à cultura cortesã francesa foram excluídos, tais como *la préciosité*¹¹. Entretanto, a tradução hebraica, de apenas 31 páginas, tinha ainda outras omissões – das quais a mais evidente foi a remoção de em torno de 30 páginas de comentários de explicação "científica" que acompanhavam o texto fonte e se aproximavam do *Dictionnaire historique de la Bible* (1722), de Père Calmet, bem como da literatura helenística e dos pais da igreja.

De fato, muito pouco do texto original permaneceu na tradução hebraica, essencialmente um resumo da história da permanência de Moisés em Midiã, incluindo o uso bastante livre que de Genlis faz do material bíblico, e as mudanças que ela fez em vários detalhes da história bíblica original. Por exemplo, de acordo com de Genlis, Moisés, assim como Davi, tocava lira para seu rebanho. De Genlis também acrescentou ao relato bíblico vários motivos que apareciam em capítulos posteriores do Êxodo e em outros livros da Bíblia hebraica, como as histórias de Balaão, Sansão e o leão e Davi e Golias.

Por outro lado, a tradução para o hebraico de *Les bergères de Madian*, ou mais precisamente *Die Hirtinnen von Midjan oder Moseh's Jugend* seguiu o original do que incluía

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil. Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

elementos que não apareciam na Bíblia hebraica, tais como o conto sobre a vara que Moisés trouxera do Egito, que, na história de de Genlis, Abraão havia cortado de uma árvore em Alonei Mamre e que havia passado de geração a geração pela tribo de Levi. Talvez o tradutor judeu a tenha incluído por causa de contos similares na literatura agádica¹² midráshica, na qual se conta que Moisés encontrou a vara no jardim de Jetro.

Uma análise completa e detalhada da tradução de *Les bergères de Madian* para o hebraico demandaria uma discussão à parte. Como estou interessada nas considerações ideológicas detrás das atividades tradutórias do Haskalá, vou me ater àquelas que estavam por trás da tradução de David Samostz. Essas têm a ver com os três critérios que permitiam a admissão de textos traduzidos na literatura hebraica para crianças: o livro tratava de temas considerados judeus pelos participantes do movimento Haskalá; de Genlis tinha uma posição elevada nos movimentos iluministas tanto francês como alemão; os autores do iluminismo alemão que eram tidos em alta estima pelos maskilim estiveram envolvidos na tradução das obras de de Genlis para o alemão.

Ademais, o tradutor judeu, David Samostz, muito provavelmente viu na história moralizante de de Genlis acerca da hospitalidade de que Moisés desfrutou em Midiã uma prova que apoiava a visão utópica do Haskalá sobre a vida harmoniosa entre os gentios. Era conveniente para ele adotar a visão de de Genlis acerca das relações idílicas entre Moisés e os midianias e entre Moisés e a corte do Faraó e extrapolá-las para retratar relações idílicas entre os judeus e seus vizinhos. O fato de que tal utopia tenha sido encontrada em um texto gentílico sobre a vida de Moisés acrescentou ainda mais força a esta mensagem maskílica.

Além disso, é bem provável que o tradutor judeu tenha usado o livro de de Genlis como uma maneira de reintroduzir a Bíblia hebraica na educação judaica, não pelo ensino tradicional. Nisso, seu livro *Ro'ot Midian* contribuiu para a tradição, ainda em desenvolvimento na literatura hebraica, de uma moderna releitura e reconto da Bíblia a fim de veicular uma mensagem ideológica contemporânea (SHAVIT, 2007).

Estudo de caso 3: *Gulliver's Travels*, de Swift – o ajuste ao modelo

O último estudo de caso nos leva ao século XX, no qual a norma de ajustar o texto traduzido a modelos existentes no sistema alvo era ainda mais forte que aquela de ajustar o texto a certa ideologia. Quando o modelo de um texto fonte não existe no sistema alvo, os tradutores tendem a modificar o texto, apagando ou acrescentando elementos que o farão ajustar-se melhor ao modelo do sistema alvo. Tal situação pode ser encontrada em várias

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil. Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

traduções de *Gulliver's Travels* para o hebraico no século XX, que intencionavam adaptar a tradução de um texto a modelos que dominavam a literatura hebraica para crianças.

Uma breve lembrança da história de Gulliver's Travels

Menos de um ano após sua publicação em 1726, *Gulliver's Travels*, de Johnathan Swift, já era publicado como *chapbook*¹³, em uma versão abreviada não autorizada, que continha apenas dois dos quatro livros do texto original – Lilliput e Brobdingnag.

Como outros *chapbooks*, que durante o século XVIII se tornaram material popular para crianças que sabiam ler (SHAVIT, 1995), *Gulliver's Travels* foi recebido com entusiasmo por elas. Isso se deu primordialmente devido à falta de livros escritos especificamente para crianças, em especial romances para entretenimento. Curiosamente, um dos resultados dessa ligação entre os *chapbooks* e os livros para crianças contribuiu para reforçar a associação da literatura infantil à literatura popular e, portanto, à sua condição periférica.

Versões abreviadas de *Gulliver's Travels* continuaram a surgir no início do século XX, mas elas eram então lançadas essencialmente para crianças e jovens. Desde aquela época, *Gulliver's Travels* segue ocupando um lugar de destaque no sistema infantil. No entanto, ele não perdeu sua posição no sistema adulto. Ao contrário, aqui o texto foi reconhecido como parte da herança literária; isto é, o texto era lido pelos adultos com base em sua significância histórica, e se tornou leitura obrigatória no currículo universitário dos departamentos de literatura inglesa. Na literatura infantil, contudo, ele foi e segue sendo lindo como um texto "vivo", e um grande número de versões ainda são lançadas e podem ser encontradas até hoje em livrarias ocidentais na forma impressa e em outras mídias, tais como jogos de computador, jogos de tabuleiro, filmes e séries de TV. Tal é o caso especialmente porque o texto tem sido continuamente revisado e adaptado conforme as necessidades e requisitos do sistema infantil, em diferentes épocas.

Que decisões tradutórias estiveram envolvidas no ajuste do texto a modelos do sistema infantil?

A primeira decisão diz respeito à própria seleção do texto. Traduções de *Gulliver's Travels* (muitas vezes descritas como "adaptações") contêm somente os dois primeiros livros. Nem uma única tradução para crianças que eu conheça inclui todos os quatro livros; a maioria das traduções compreende apenas o primeiro livro; poucas incluem também o segundo. A decisão relativa aos dois primeiros livros ligava-se primeiramente a se o texto deveria ser transformado de uma sátira em uma fantasia ou em uma história de aventura, a última um

SHAVIT. *Tradução cultural: ajustes ideológicos e de modelo na tradução de literatura infantil*. *Belas Infâncias*, v. 5, n. 3, p. 119-143, 2016.

gênero muito popular nos *chapbooks*. Mais tarde, essa decisão resultou da popularidade continuada da fantasia e da popularidade emergente das histórias de aventura na literatura infantil, e a relativa facilidade com que o texto podia ser ajustado a qualquer uma delas. Assim, por exemplo, o povo de Lilliput podia ser transformado nos anões de uma história de fantasia mais prontamente que o povo do País dos Houyhnhnms, para o qual era quase impossível encontrar um equivalente nos modelos de literatura infantil existentes. Além disso, as viagens de Gulliver a países desconhecidos, bem como suas batalhas e guerras, poderiam facilmente servir de base para uma história de aventura.

Esses dois modelos, contraditórios por natureza – a fantasia tendendo para a generalização, e as histórias de aventura tendendo para a concretização – ditaram o manejo do texto, por exemplo, a transformação do povo de Lilliput nos anões da história de fantasia. A decisão de alterar o modelo do texto implicou grandes ajustes na tradução, que resultou em um texto completamente diferente.

No texto original, semelhanças entre o povo de Lilliput e o povo do país de Gulliver são enfatizadas; eles diferem no tamanho, porém no demais se parecem uns com os outros. A diferença é apenas na escala, não em nenhum outro aspecto. Essa semelhança está no coração da sátira, pois torna possível traçar uma analogia entre os seres humanos e o povo de Lilliput ou Brobdingnag, e com base nisso satirizar seus modos a partir de uma comparação entre eles e os seres humanos. Não obstante, as traduções para a literatura infantil fazem deliberadamente todo o esforço possível para dissolver as semelhanças e criar um conflito entre os seres humanos e o povo de Lilliput ou Brobdingnag, uma oposição entre dois mundos – o de Gulliver e o dos anões ou gigantes. Tal oposição não apenas inexiste no texto original, mas de fato solapa sua própria natureza enquanto sátira. Os liliputianos das traduções são apresentados não como seres humanos em miniatura, mas como criaturas diferentes dos seres humanos, como anões não humanos. Sua caracterização como anões (ou gigantes) é ainda mais elaborada pelo acréscimo de epítetos que não existem no texto fonte e que se referem a seu tamanho inumano, além da omissão de qualquer referência no texto original à semelhança entre os anões e os gigantes com os seres humanos.

As traduções reforçam as descrições do tamanho pequenino do mundo dos liliputianos no texto fonte. Por exemplo, no texto fonte as flechas dos liliputianos são comparadas a agulhas: "Senti do alto uma centena de flechas descarregadas em minha mão esquerda, que espetavam como muitas agulhas" [*I felt above a hundred arrows discharge on my left hand, which prickled me like so many needles*] (SWIFT, 1960 [1726], p. 18). A fim de ressaltar a

descrição do tamanho pequenino dos liliputianos, as traduções acrescentam os adjetivos "pequenino e diminuto" [*tiny and minute*] à descrição das flechas (NIV, 1961, 12). De maneira semelhante, as traduções acrescentam "pequenina como uma mosca" [*tiny as a fly*] à comida de Gulliver (NIV, 1961, p. 14), que é descrita no texto original como "paletas, pernis e costelas com o formato das de cordeiro, e muito bem preparadas, mas menores que as asas de uma cotovia" [*shoulders, legs and loin shaped like those of mutton, and very well dressed, but smaller than the wings of a lark*] (SWIFT, 1960 [1726], p. 19).

A tabela a seguir apresenta uma série de exemplos, em várias traduções, todos focados na desumanização dos liliputianos ou em uma amplificação de seus traços fantásticos:

Swift (SWIFT, 1960 [1726])	Várias traduções para o hebraico
"criaturas" [<i>creatures</i>], p. 17	"estranhas criaturas" (YAKUBOBIC, 1976, p. 9)
"os habitantes" [<i>the inhabitants</i>], p. 18	"anões que habitavam o país" (YAKUBOBIC, 1976, p. 9)
"quatro dos habitantes" [<i>four of the inhabitants</i>], p. 18	"quatro homens dos anões nativos" (YAKUBOBIC, 1976, p. 9)
"Senti do alto uma centena de flechas descarregadas em minha mão esquerda, que espetavam como muitas agulhas" [<i>I felt above a hundred arrows discharge on my left hand, which prickled me like so many needles</i>], p. 18	"pequenas e diminutas" (NIV, 1961, p. 12)
"paletas, pernis e costelas com o formato das de cordeiro, e muito bem preparadas, mas menores que as asas de uma cotovia" [<i>shoulders, legs and loin shaped like those of mutton, and very well dressed, but smaller than the wings of a lark</i>] (p. 19)	"pequenas como uma mosca" (NIV, 1961, p. 14)
"Ele é quase a largura da minha unha mais alto que qualquer dos de sua corte, o que basta para inspirar temor nos observadores. Seus traços são fortes e másculos, com lábios austríacos e um nariz arqueado, sua pele cor de azeitona, seu semblante ereto, seu corpo e membros bem proporcionados, todos os seus movimentos graciosos e sua postura, majestosa". [<i>He is taller, by almost the breadth of my nail than any of his court, which alone is enough to strike an awe into the beholders. His features are strong and masculine, with an Austrian lip and arched nose, his complexion olive, his countenance erect, his body and limbs well proportioned, all his motions graceful, and his deportment majestic</i>] (p. 24)	"Todos os seus súditos temiam sua altura" (YAKUBOBIC, 1976, p. 9)

<p>"Eu o tive muitas vezes em minha mão e, portanto, não posso me enganar na descrição. Suas roupas eram muito lisas e simples, e seu estilo entre o asiático e o europeu." [<i>I have had him since many times in my hand, and therefore cannot be deceived in the description. His dress was very plain and simple, and the fashion of it between the Asiatic and the European</i>] (p. 24)</p>	<p>"Em sua mão o rei empunhava sua espada desembainhada, cujo punho era decorado com diamantes resplandecentes". (SKULSKI, 1960, p. 16)</p>
<p>"mas ele trazia na cabeça um leve capacete de ouro, adornado com jóias e uma pena no alto. Ele empunhava em sua mão a espada desembainhada para se defender caso eu o soltasse." [<i>but he had on his head a light helmet of gold, adorned with jewels, and a plume on the crest. He held his sword drawn in his hand, to defend himself, if I should happen to break loose</i>] (p. 24)</p>	<p>"Ele empunhava um cetro maior que um palito de fósforo. Seu punho e sua ponta eram decorados com joias" (NIV, 1961, p. 22)</p>
<p>"tinha quase três polegadas de comprimento, enriquecida com diamantes" [<i>it was almost three inches long, enriched with diamonds</i>] (p. 24)</p>	<p>"Em sua mão o imperador empunhava sua espada desembainhada, pouco menor que uma agulha de tricô. Seu punho dourado e sua bainha brilhavam com diamantes". (IZRAELIE, 1970, p. 21)</p>
<p>"lisas e simples" (as roupas) [<i>plain and simple</i>] p. 24 "uma pessoa de qualidade" [<i>a person of quality</i>] (p. 18)</p>	<p>"magníficas e muito especiais" (Kahana, 1946, p. 23) "um homem vestindo uma capa longa e cara e um garotinho segurando-a atrás" (GINZBURG, 1950, p. 4, minha paginação, Z.S.)</p>

A diferença entre as descrições do mundo de Gulliver e o dos liliputianos é ainda mais enfatizada nas traduções por meio de um ajuste tanto da figura do imperador como de seu povo ao modelo da fantasia. Nas traduções, o mundo dos anões tem todos os atributos típicos deste modelo, especialmente em relação aos eventos e às descrições físicas dos anões. Eles são parte de um mundo estranho e encantado, cheio de glória e esplendor. São pequenas criaturas inocentes, forçadas a se protegerem contra uma força negativa que surgiu em seu mundo – um tema comum nos contos de fada fantásticos. Assim, as criaturas do texto fonte se tornam "estranhas criaturas" (YAKUBOBIC, 1976, p. 9), os habitantes se tornam "anões que habitavam o país" (idem) e "quatro dos habitantes" se tornam "quatro homens dos anões nativos" (idem). Por outro lado, situações que apresentam a diferença como desigualdade de tamanho e que apontam de fato para uma semelhança são omitidas. Entre as excisões estão cenas que criam um senso de proporção, como as crianças brincando no cabelo de Gulliver.

Essa transferência dos Liliputianos para a figura de anões também levou a uma mudança na forma como são julgados pelo texto. Eles já não são objeto de crítica e sátira, mas

de compaixão e piedade. Diferentemente do texto fonte, no qual se apresentam retratos complicados e multifacetados de Gulliver e dos liliputianos, as traduções tendem a oferecer retratos inequívocos de ambos, e por isso mantêm a oposição entre "bom" e "mau" que é característica tanto dos modelos de aventura quanto de fantasia. No texto fonte, os traços "bons" dos liliputianos são apenas uma parte de sua caracterização e são acompanhados por áspera crítica, enquanto as traduções incluem apenas os traços "bons" e deixam de fora qualquer referência aos "maus". Por exemplo, a crítica das estranhas relações entre pais e filhos e as bizarras tradições de enterro, bem como o modo absurdo pelo qual o imperador escolhe seus ministros (ele os faz dançar em uma corda bamba) no texto fonte são completamente omitidas nas traduções, enquanto os bons modos e a alta moralidade são retidas.

A fim de fortalecer o modelo da história de fantasia, os tradutores tendem a ajustar a descrição física dos liliputianos a padrões comuns no modelo de fantasia, que tende, como já mencionado, às generalizações. Por exemplo, a descrição do imperador. No texto fonte, a descrição física do imperador é baseada nas referências à sua altura, sua cor, sua voz, seu corpo e seus gestos:

Ele é quase a largura da minha unha mais alto que qualquer dos de sua corte, o que basta para inspirar temor nos observadores. Seus traços são fortes e másculos, com lábios austríacos e um nariz arqueado, sua pele cor de azeitona, seu semblante ereto, seu corpo e membros bem proporcionados, todos os seus movimentos graciosos e sua postura, majestosa. [*He is taller, by almost the breadth of my nail than any of his court, which alone is enough to strike an awe into the beholders. His features are strong and masculine, with an Austrian lip and arched nose, his complexion olive, his countenance erect, his body and limbs well proportioned, all his motions graceful, and his deportment majestic*] (SWIFT, 1960 [1726], p. 24)

As traduções de fato incluem as referências do texto fonte à altura do imperador e à sua aparência impressionante, usando-as como metonímia do seu poder – o poder de um governante soberano e sempre um componente importante do modelo de fantasia, mas elas omitem qualquer outra alusão. Todo o parágrafo mencionado acima é traduzido em não mais que uma pequena frase: "Todos os seus súditos temiam sua altura" (Yakubovic, 1976, p. 19). O retrato do imperador é assim oferecido de uma maneira bastante geral, que é, como já mencionado, característica da tendência dos contos de fada a representações mais vagas de reis e governantes.

Um fenômeno semelhante pode ser identificado nas descrições das roupas e da espada do imperador. No texto fonte, os trajes do imperador são retratados como se segue:

Eu o tive muitas vezes em minha mão e, portanto, não posso me enganar na descrição. Suas roupas eram muito lisas e simples, e seu estilo entre o asiático e o europeu; mas ele trazia na cabeça um leve capacete de ouro, adornado com joias e uma pena no alto. Ele empunhava em sua mão a espada desembainhada para se defender caso eu o soltasse. Tinha quase três polegadas de comprimento, o punho e a bainha eram dourados, enriquecidos com diamantes. [I have had him since many times in my hand, and therefore cannot be deceived in the description. His dress was very plain and simple, and the fashion of it between the Asiatic and the European; but he had on his head a light helmet of gold, adorned with jewels, and a plume on the crest. He held his sword drawn in his hand, to defend himself, if I should happen to break loose; it was almost three inches long, the hilt and scabbard were gold enriched with diamonds] (p. 24)

Essa descrição detalhada é omitida na maior parte das traduções, e apenas aqueles elementos que representam a glória e a riqueza são mantidos no texto, tornando a espada um símbolo do poder do imperador. "Em sua mão o rei empunhava sua espada desembainhada, cujo punho era decorado com diamantes resplandecentes" (SKULSKI, 1960, p. 16); "Ele empunhava um cetro maior que um palito de fósforo. Seu punho e sua ponta eram decorados com joias" (NIV, 1961, p. 22); e "Em sua mão o imperador empunhava sua espada desembainhada, pouco menor que uma agulha de tricô. Seu punho dourado e sua bainha brilhavam com diamantes" (IZRAELIE, 1970, p. 21).

134

Omissões são típicas de todas as traduções de literatura infantil. Contudo, muitas vezes a excisão de certos elementos, a fim de seguir as normas governantes, nega a necessidade de se manterem esses mesmos elementos por servirem a outras necessidades. Por exemplo, os tradutores encontram cenas que são indispensáveis ao desenvolvimento da trama, mas são incompatíveis com normas morais. Nesse caso, irão alterá-las, mesmo ao custo de criar contradições internas. Um exemplo característico é a cena na qual Gulliver salva o palácio de um incêndio urinando sobre ele. No texto fonte, a cena do apagamento do fogo é usada para fazer avançar a trama e para satirizar a hipocrisia e a falta de modos dos liliputianos. Os liliputianos revelam sua ingratidão e não agradecem a Gulliver por salvar o palácio. Além disso, acusam-no de infringir a lei do reino e, mais tarde, usam essa brecha como desculpa para expulsá-lo. Toda a cena é usada para satirizar a arbitrariedade das leis e a ingratidão do povo. Entretanto, a maior parte dos tradutores não pôde lidar com o fato de Gulliver apagar o fogo urinando sobre ele, ou com a sátira ao reino e a suas leis. Por outro lado, alguns tradutores, especialmente os que se apoiavam no modelo de aventura, não gostariam deixar de fora um episódio tão dramático. Nessas versões, Gulliver apaga o incêndio seja jogando água (AVNON, 1966) ou soprando sobre ele (IZRAELI, 1970).

O episódio é mantido no texto, embora contradiga toda a caracterização dos liliputianos como pessoas boas e gratas. Assim, a fim de manter a integridade da trama, os tradutores estiveram prontos a conservar elementos que conflitavam com outros padrões do texto, tais como a caracterização. Os tradutores que não transformaram o texto em uma história de aventura, no entanto, preferiram eliminar toda a cena, essencialmente porque constituía uma violação ao tabu relativo a excreções na literatura infantil, bem como à caracterização dos anões como vítimas.

Seguindo o mesmo princípio, todos os tradutores de *Gulliver's Travels* omitiram a cena na qual Gulliver é suspeito de ter um caso de amor com a rainha, já que isso violaria o tabu relativo ao sexo na literatura infantil. Na versão adulta, esse evento tem um papel importante na construção da sátira, pois as dimensões amplamente diferentes dos dois personagens tornam impossível um caso de amor entre eles. Compreendendo a cena como igualmente satírica e imoral, os tradutores decidiram excluí-la em todas as versões.

Deve-se, entretanto, notar que o processo de ajustar o texto a certo modelo envolve com frequência não apenas omissões, mas também acréscimos. De fato, uma das manifestações mais interessantes do ajuste do texto traduzido a modelos existentes é encontrada em elementos que não existem no texto fonte e são inseridos na tradução porque os tradutores os consideram essenciais ao modelo do sistema alvo. Acrescentar elementos a um texto já bastante reduzido é um indício não apenas das grandes liberdades que se permitem os tradutores, mas da força das exigências do modelo. Os acréscimos revelam, ainda mais que as exclusões, a necessidade dos tradutores de aderir às exigências do modelo, pois indicam que elementos são considerados obrigatórios no modelo alvo. Assim, por exemplo, a roupa "lisa e simples" do texto fonte não foi suficiente para o modelo de fantasia e se tornou "magnífica e muito especial" (KAHANA, 1946, p. 23). Em outro caso, o texto fonte descreve o homem que conversa com Gulliver como "uma pessoa de qualidade". Em vez de apresentá-lo simplesmente como uma "pessoa", o tradutor considerou necessário acrescentar: "um homem vestindo uma capa longa e cara e um garotinho segurando-a atrás" (GINZBURG, 1950), tornando-o um típico personagem de fantasia e construindo uma cena clássica desse modelo para a descrição da vida de um nobre.

Foi a necessidade de um ajuste ao modelo que determinou os elementos que seriam incluídos na tradução ou acrescentados a ela e os que dela seriam omitidos. Essa necessidade também determinou quais elementos permaneceriam na tradução, porém com uma nova função. É mais claramente o caso dos elementos satíricos, que ou desapareceram

completamente de algumas traduções para crianças, ou, se permaneceram, perderam sua função original e normalmente ganharam uma nova e, dessa forma, participaram na construção do modelo ao qual o texto traduzido foi ajustado. Assim, excluindo alguns elementos e acrescentando ou mudando a função de outros, os tradutores lograram ajustar o texto aos modelos dominantes do sistema infantil.

Conclusão

Como podemos explicar as grandes liberdades assumidas pelos tradutores ao verter obras clássicas para crianças? Como podemos explicar a subordinação da literatura infantil a restrições ideológicas e sua aderência à necessidade de um ajuste de modelo?

Durante o século XIX, o ato de traduzir textos literários tanto adultos como infantis geralmente envolvia o que descreveríamos hoje como grandes liberdades em relação ao texto fonte. Muito depois que essas normas deixaram de existir na literatura adulta, elas foram, e até certo ponto ainda são, aceitas no sistema infantil. Isto é, ao tradutor é permitido mudar, ampliar ou reduzir o texto por meio da exclusão ou mesmo de acréscimos.

136

Essas liberdades resultam da posição periférica da literatura infantil na cultura, da visão que se tem dela como um importante transmissor de valores educacionais e da necessidade de se ajustar o texto e torná-lo adequado e útil para a criança, de acordo com normas sociais e com o que a sociedade considera – em um dado momento do tempo – como educativo, "bom" e "apropriado" para a criança. As normas predominantes ditam decisões relativas ao procedimento de seleção – quais textos serão escolhidos para tradução e quais serão rejeitados – bem como as manipulações permissíveis para os textos. A fim de serem aceitos e considerados uma parte legítima do sistema infantil, o produto final traduzido deve aderir aos princípios norteadores do sistema infantil, ou ao menos não os violar.

BIBLIOGRAFIA

Traduções de Joachim Heinrich Campe para o hebraico

Robinson der Jüngere

BLOCH, Eliezer/Shimon Ha-Chohen. *Maase Robinson*. Warsaw: Bomberg, 1849.

EDELMANN, Simcha. *Sipur Robinson*. Przemysl: Amkraut & Freund, 1872 [5672].

ERTER, Isaac. *Robnison ha-ivri*, sem data (perdido).

SAMOSTZ, David. *Robinson der Jingeree*. Ein Lesebuch für Kinder von Joachim Heinrich Campe. Ins Hebräisch übertragen von David Samostz. Breslau: Sulzbach, 1824 [5585].

Die Entdeckung von Amerika

BERNARD, Hermann [Hirsch Beer Hurwitz]: *Giluy Amerika*, 810 (não localizado).

GÜNZBURG, Mordechai Aaron. *Sefer galot ha-aretz Ha-xadasha al yede Kristof Columbus*. Xubar meet xacham gadol me xachme ashkenaz adon Campe ve neetak lilshon ha-qodesh tzach ve naki u be lashon qtzara le toe'let yalde bne amenu le lamdam le maher daber tzaxot. Vilna: Drukowac' C. Golan'ski 5583 [1823].

MENDELSSOHN-FRANKFURT, Moshe. *Metziat ha-aretz ha-xadasha*. Kolel kol ha gvurot ve ha-maasim asher naasu leet metzo ha-aretz ha-zot, le chol agapeha u mevinoteha, u mishpateha, va anasheha, lileshontam u mishpaxotam. Altona: Bonn Brüder Königliche privilegierte Buchdrucker, 5567 (1807).

MOHR, Avraham Mendel. *Columbus, Hu sefer metziat erez Amerika ze ke arba meot shana*. Lemberg: Chava Grossman Druckerei, 1846.

SAMOTZ, David. *Metziat Amerika*. Breslau, 1824 [5584] (não localizado).

Merwürdige Reisebeschreibungen

GRAZOVSKI, Y. *Yam ha-kerax*. Yafo: Laam, 5672 [1912]. (Adotado por Y. Grazovski)

LEFIN, Mendel. *Mas'ot ha-yam, hema maase Yah ve niflaotav asher rau yorde yamim bo oniyot Hollandia u-Ubritaniya*. Neetku mi-sifre mas'ot he xacham Campe lisfat ever be lashon tzax ve kal le ma'an yarutz kol kore bo. Lemberg: Druck von D. H. Schrenzel, 5585,2 1825 [primeira edição: 5578, 1818].

N.N. [ligado a Lefins Mas'ot]: *Oniya Soara*. Wilna, 1825.

Theophron

ANAPLOSKI, Zvi Hirsch. *Aviezer oh mochiav xacham*. Ve hu ha'ataka xofshit mileschon ashkenaz mi-sefer ha Theophron, me ha-mexaber ha-nichbad Campe. Odessa: Nitsche & Zederbaum, 1863.

[como uma introdução] a AVIEZER. *Anaploski, Zvi Hirsch*: Si'ax Erev. Odessa: Zederbaum, 1863.

Sittenbücher für Kinder aus gesitteten Ständen

ANSCHELEWITZ, Ascher. *Musar la-nearim*. Odessa: Belinsohn, 1866.

NEIDVEIDEL, Elijahu. *Av le banim*. Warsaw: Kelter, 1882.

SAMOTZ, David. *Tochexot musar*. Divre xacham be-lashon ivri he'etakti/ melashon ashkenazi mishle Campe he'etakti/ le-toelet talmiday lintoa be-libam/ melitza, xochma u musar be odam be ibam. Breslau: Sulzbach, 1819.

SCHOENFELD, Baruch. *Musar haskel*. Praga: Landau Verlag, 1831 (uma segunda edição foi encomendada por D. Sassoon, "adequada ao uso de crianças orientais", Berlim, 1859).

Fontes primárias

CAMPE, Joachim Heinrich. *Die Entdeckung von Amerika*. Hamburg, Bd. 1 Kolumbus, 1781-82. Bd. 2 Kortes, 1782. Bd. 3 Pizarro, Tübingen, 1782.

N.N. *Robinson the Younger*. by Mr. Campe from the German. Hamburgo: Impresso para C. E. Bohn, 1781.

MENDELSSOHN-FRANKFURT, Moshe (Moisés). *Metzi'at ha-aretz ha-chadasha*. Kolel kol ha-gvurot ve-ha-ma'asim asher na'asu le-et metzo ba-aretz ha-zot, le-kol agapeha u-mevinoteha, u-mishpateha, va-anasheha li-leshonotam u-mishpcheotam. Altona: Gebr. Samuel u. Juda Bonn 1807 [5567].

HURWITZ, Haikel. *Zafnat paaneax*. Berdichev: Dfus Israel Beck, 1817. Segunda edição: Vilda, 1823-4.

GENLIS, Stéphanie Félicité, Condessa de. *Les bergères de Madian; ou, La jeunesse de Moïse, poème en prose en six chants*. Paris: Librairie français et étrangère de Galignani, 1812.

GENLIS, [Stéphanie Félicite du Crest de Saint-Aubin]; HELL, Theodor [d.i. WINKLER, Karl Gottlieb Theodor] (übers.): *Die Hirtinnen von Midian oder Moseh's Jugend*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1814 (Genlis: Kleine Romane und Erzählungen. Bd.14, aus dem Französischen der Frau von Genlis von Theodor Hell).

GENLIS, Frau von. *Ro'ot Midian o jaldut Moshe*. Die Hirtinnen von Midjan oder Moses Jugend. Ins hebräische übersetzt von David Samostz. Breslau: Hirsch Sulzbach, 1843 [5603].

SWIFT, Jonathan. *Gulliver's Travels*. Cambridge, Mass: Riverside, 1960 [1726].

SWIFT, Jonathan. *Masa Liliput*. Traduzido por Pessah Ginzburg. Tel Aviv: Sreberk, 1950.

SWIFT, N.N.: *Masa Guliver le-Liliput erez Ha-Nanasim*. Traduzido por A[vraham]. Kahana. Tel Aviv: Sinai, 1946.

N.N.: *Massa Lilliput*. Traduzido por Pesah Ginzburg. Tel Aviv: Sreberk, 1950.

SWIFT [Swift], Jonathan: *Gulliver be-eret ha-gamadim*. Traduzido por Shlomo Skulski. Tel Aviv: El-Hamaayan, 1960.

SWIFT, Jonathan. *Mas'ei Gulliver*. Traduzido e adaptado por by Yaacov Niv. Ramat Gan: Massada, 1961.

SWIFT, Jonathan. *Masot Gulliver* (Um conto de fadas por Roberto Boregi [sic]). Traduzido por Yizhak Avnon. Tel Aviv: Mizrahi 1966.

SWIFT, Jonathan. *Gulliver – Masaav va-Alilotav*. Traduzido por Shmuel Izraeli. Tel Aviv: Zelkowitz, 1970.

SWIFT, Jonathan. *Gulliver be-artzot haplaot*. Traduzido por Avraham Aryeh Yakubovic. Tel Aviv: Jizrael, 1976.

Fontes secundárias

ALTMAN, Alexander. *Moses Mendelssohn: A Biographical Study*. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1973.

ALTMANN, Alexander (org.). *Moses Mendelssohn: Gesammelte Schriften. Jubiläumsausgabe. Briefwechsel, ii, 2*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1976.

BADT-STRAUSS, Bertha. *Moses Mendelssohn, der Mensch und das Werk*. Berlin: Der Heine-Bund, 1929.

BARTAL, Israel. *Mordechai Aaron Günzburg: A Lithuanian Maskil faces Modernity*. In: MALINO, Frances; SORKIN, David (eds). *From East and West*. Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 126-147.

CALMET, Augustin. *Dictionnaire Historique, Critique, Chronologique, Géographique et Littéral de a Bible Enrichi d'un Grand Nombre de Figures en Taille-douce, qui Représentent les Antiquités Judaïques*. Paris: A Paris: Chez Emery, père, Emery, fils... Saugrain, l'ainé ... Pierre Martin..., 1722-1728.

139

DE POORTERE, Machteld. *The Philosophical and Literary Ideas of Mme de Staël and of Mme de Genlis*. Trad. J. Lavash. Nova Iorque: P. Lang, 2007.

DIACONOFF, Suellen. *Feminized Virtue*. In: *Papers on French Seventeenth Century* 46, 1997, p. 121-136.

DOTTIN, Paul. *Daniel De Foe et ses romans*. Tome 2. Paris: Les presses Universitaires de France, 1924.

ECKERMANN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe: in den letzten Jahren seines Lebens*. Leipzig: Hesse & Becker, 1913 [1836-1848], S. 146.

ELIAV, Mordechai. *Jewish Education in Germany in the Period of Enlightenment and Emancipation*. Jerusalem: Jewish Agency/Leo Baeck Institute 1960 [hebraico].

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1978.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Interference in Dependent Literary Polysystems*. In EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1978a, p. 54-62.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Translation Theory Today*. In: *Poetics Today* 2, 1981, p. 1-7.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Studies*. *Poetics Today*, v. 11, n. 1. Durham: Duke University Press, 1990.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *The Making of Culture Repertoire and the Role of Transfer*. In: *Target*, v. 9., n. 2, 1997, p. 373-381.

EVEN-ZOHAR, Itamar: *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*. In: TOURY, Gideon (org.): *Translation Across Cultures*. Nova Deli: Bahri Publications, 1998, p. 109-117.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Culture Repertoire and Transfer*. In: PETRILLI, Susan (org.). *Translation Translation*. Amsterdam: Rodopi, 2003, p. 425-431.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*. In: WEISSBORT, Daniel; EYSTEINSSON, Astradur (eds). *Translation: Theory and Practice: A Historical Reader*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 429-434.

GOODMAN, Dena. *Enlightenment Salons: The Convergence of Female and Philosophic Ambitions*. In: *Eighteenth-Century Studies*, v. 22, n. 3, 1989, Special Issue: The French Revolution in Culture, p. 329-350.

HARMAND, Jean. *Madame de Genlis: sa vie intime et politique (1746-1830) d'après des documents inédits*. Paris: Librairie académique Perrin, 1912.

HERLITZ, Georg; KIRSCHNER, Bruno (org.). *Jüdisches Lexikon*. Frankfurt am Main: Jüdischer Verlag bei Athenäum, 1987 [1927].

KAYSERLING, Meyer. *Moses Mendelssohn. Sein Leben und Wirken*. 2^a ed. Leipzig: Hermann Mendelssohn, 1888.

KLÜPFEL, Alois. *Das Revisionwerk Campe's: ein Grundwerk der deutschen Aufklärungspädagogik*. Kallmünz: Buchdruckerei von Michael Lassleben, 1934.

KRENICKY-ALBERT, Katja. *Joachim Heinrich Campe: Robinson der Jüngere*. eBook: Pädagogische Hochschule Freiburg, Seminar: Einführung in die Theorie und Didaktik der Kinder- und Jugendliteratur, 2002.

MANN, W.E. *Robinson Crusoe en France: étude sur l'influence de cette oeuvre dans la littérature française*. Paris: A. Davy, 1916.

MEISEL, Josef. *Haskalah. Geschichte der Aufklärungsbewegung unter den Juden in Russland*. Berlin: C.A. Schwetschke, 1919.

NAUDIN, Marie. *Stéphanie Félicité, comtesse de Genlis*. In: SARTORI, Eva Martin; ZIMMERMAN, Dorothy Wynne (org.). *French Women Writers*. Nova Iorque, Westport, Connecticut, Londres: Greenwood Press, 1991, p. 178-187.

PLAGNOL-DIEVAL, Marie-Emmanuelle. *Madame de Genlis et le théâtre d'éducation au XVIIIe siècle*. Oxford: Voltaire Foundation, 1997.

RAYZN, Zalman. *Campes "Entdeckung von Amerika" in Yiddish*. In: *Yivo Blätter*, 5, 1933, p. 30-40.

SHAVIT, Yaacov; ERAN, Mordechai. *The Hebrew Bible Reborn: From Holy Scripture to the Book of Books*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

SHAVIT, Zohar. *Translation of Children's Literature as a Function of its Position in the Literary Polysystem*. In: *Modern Realistic Stories for Children and Young People*. Munich: 16th IBBY Congress, 1978, p. 180-187.

SHAVIT, Zohar. *From Friedlaender's Lesebuch to the Jewish Campe: The Beginning of Hebrew Children's Literature in Germany*. In: *Leo Baeck Year Book xxxiii*, 1988, p. 393-423.

SHAVIT, Zohar. *Translation of Children's Literature as a Function of its Position in the Literary Polysystem*. In: EVEN-ZOHAR, Itamar; TOURY, Gideon (org.): *Translation and Intercultural Relations*. Tel Aviv: The Porter Institute, 1991, p. 171-179.

SHAVIT Zohar. *Literary Interference between German and Jewish-Hebrew Children's Literature during the Enlightenment: The Case of Campe*. In: *Poetics Today*, v. 13, n. 1, 1992, p. 41-61.

SHAVIT, Zohar. *Literarische Beziehungen zwischen der deutschen und der jüdisch-hebräischen Kinderliteratur in der Epoche der Aufklärung am Beispiel von J.H. Campe*. In: FRANK, Armin Paul; MAASS, Kurt-Jürgen; PAUL, Fritz; TURK, Horst (org.). *Übersetzen, Verstehen, Brückenbauen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993, p. 755-765.

SHAVIT, Zohar. *The Historical Model of the Development of Children's Literature*. In: NIKOLAJEVA, Maria (org.). *Aspects and Issues in the History of Children's Literature*. Westport Connecticut, Londres: Greenwood Press, 1995, p. 27-38.

SHAVIT, Zohar. *Hebrew and Israeli Children's Literature*. In HUNT, Peter (org.): *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. Londres: Routledge 1996, p. 782-788.

SHAVIT, Zohar. *Cultural Agents and Cultural Interference: The Function of J.H. Campe in an Emerging Jewish Culture*. In: *Target*, v. 9, n. 1, 1997, p. 111-130.

SHAVIT, Zohar. *The Status of Translated Literature in the Creation of Hebrew Literature in pre-State Israel (The 'Yishuv' Period)*. In: *Meta*, v. 43, n. 1, mar. 1998, p. 46-53.

SHAVIT, Zohar. *Fabriquer une culture nationale. Le rôle des traductions dans la constitution de la littérature hébraïque*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 44, set. 2002, p. 21-32.

SIMON, Ernest. *Philantropism and Jewish Education*. In: KAPLAN, Mordecai M. *Jubilee Volume on the Occasion of his Seventieth Birthday*. Nova Iorque: Bet Midrash Rabbanim, 1953, p. 149-187 [hebraico].

STACH, R. *Nachwort*. In: CAMPE, Joachim Heinrich. *Robinson der jüngere*. Nach dem Ausgabe von 1869. Dortmund: Harenberg Kommunikation, 1978, p. 465-478.

STAMBUR, E. *Young Robinson by Campe and the Literary Billiard Game in Europe*. Artigo de seminário, Universidade de Tel-Aviv, 1990 [hebraico].

TOURY, Gideon. *Translational Norms and Literary Translation into Hebrew: 1935-1940*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1977 [hebraico].

TOURY, Gideon. *Transfer Operations and Translation*. In: BORBÉ, Tasso (org.): *Semiotics Unfolding: Proceedings of the Second Congress of the International Association for Semiotic Studies*, Vienna, jul. 1979. Berlim, Nova Iorque, Amsterdã: Mouton, 1984, p. 1041-1048.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 1995.

TOURY, Gideon. *Integrating the Cultural Dimension into Translation Studies: An Introduction*. In: TOURY, Gideon (org.). *Translation Across Cultures*. 2a ed. Nova Deli: Bahri Publications, 1998, p. 1-8 [também: *Indian Journal of Applied Linguistics*, XIII:2, 1987, p. 1-7].

ULLRICH, Hermann. *Robinson und Robinsonaden*. Bibliographie, Geschichte, Kritik. Weimar: E. Felber, 1898.

WATERHOUSE, Francis A. *An Interview with Jean Jacques Rousseau*. In: *PMLA* 37, n.1, 1922, p. 114-115.

ZINBERG, Israel. *A History of Jewish Literature*. Hasidim and Enlightenment. Traduzido e editado por Bernard Martin. Cincinnati, Ohio, Nova Iorque: Hebrew Union College Press, Ktav Publishing House, 1976.

142

¹ N. de. T: Texto originalmente publicado in EWERS, Hans-Heino; DETTMAR, Ute; VON GLASENAPP, Gabriele (org.). **Kider- und Jugendliteraturforschung international**: Ansichten und Aussichten. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2014. p. 31-51. Disponível em: <http://humanities1.tau.ac.il/segel/zshavit/files/2014/10/094-Cultural-Translation.pdf>. A tradução e a publicação deste artigo foram gentilmente autorizadas, via e-mail, pela autora, Profa. Dra. Zohar Shavit, em 29 de setembro de 2016.

² N. de. T: Zohar Shavit é Doutora em Poética e Literatura Comparada pela Universidade de Tel Aviv (1978) com a tese *The Emergence of a New School of Poetry: Modernism in Hebrew Poetry of the 1920's*, elaborada sob a orientação de Itamar Even-Zohar. Finalizou o *Direct Course of Studies towards Ph.D. Degree for distinguished Students* em 1974, após concluir com distinção seu bacharelado no mesmo departamento (1972). Atualmente, coordena o Programa de Pesquisa em Cultura da Infância e da Juventude na Universidade de Tel Aviv.

Prof. Zohar Shavit. Disponível em: <https://english.tau.ac.il/profile/zshavit>

³ N. de. T: Lia Araujo Miranda de LIMA - Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (PósLIT/UnB). Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília (POSTRAD/UnB). Bacharel em Letras-Tradução (2008) pela Universidade de Brasília, com habilitação em Francês, e em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo (2004) pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8248385539458046>. Acesso: out 2016.

⁴ SHAVIT, Zohar. *Poetics of children's literature*. 2ª ed. Atenas e Londres: The University of Georgia Press, 2009. 200p.

⁵ N. de. T: *A descoberta da América*, sem tradução no Brasil.

⁶ N. de. T: A tradução deste trecho para o português foi feita de maneira indireta, a partir da versão em inglês proposta por Shavit. O texto original de Meldelsohn-Frankfurt está em hebraico.

⁷ N. de. T: Idem.

⁸ N. de. T: Escola judaica de educação básica em Frankfurt, fundada em 1804 por Mayer Amschel Rothschild.

⁹ N. de. T: *As pastoras de Midiã; ou, A juventude de Moisés, poema em prosa em seis cantos*. Sem tradução no Brasil.

¹⁰ N. de. T: Shavit cita este trecho em alemão. Na nossa tradução: "*Madame de Genlis esteve, assim, certa quando se posicionou contra as liberdades e insolências de Voltaire. Pois no fundo, por mais espirituoso que tudo seja, de fato nada disso serve ao mundo; não se pode fundamentar nada sobre isso. Sim, pode mesmo ser da maior nocividade, no que confunde os homens e lhes tira a firmeza necessária.*"

¹¹ Movimento literário francês do século XVII baseado no desejo de manter a pureza da linguagem, a elegância do vestir e os modos e a dignidade de um amor idealizado. (Nota da autora)

¹² N. de. T: De *Aggadah*, termo aramaico referente ao material não jurídico da literatura rabínica, composto por parábolas e histórias com ensinamentos éticos e teológicos.

¹³ N. de. T: Edições baratas de literatura popular que tiveram seu auge de circulação na Europa nos séculos XVII e XVIII.

RECEBIDO EM: 24 de novembro de 2016

ACEITO EM: 18 de dezembro de 2016

PUBLICADO EM: Dezembro de 2016